



(De)balde

O avião já roda para o terminal, largados os ares e os travões a fundo. Chove. Intensamente. Como o povo diz, "chove chove chuva grada, cada pingo uma canada". Já reparáramos. Nos bancos da frente está gente importante, presidente, secretários, seus assessores, quem sabe deputados. O povo sempre sabe ou pressente quando são importantes. Pelas vestes engravatadas, pela pose, por ter de esperar muitas vezes mais algum tempo, porque estão atrasados os dirigentes, porque sem eles o avião não vai, suspensas as suas asas pelos afazeres superiores. Até na aeronave, o apertar dos cintos daquelas figuras é mais suave. Saem pela porta da frente e os outros pela porta de trás. Para não haver misturas. O povo é o povo. E assim também se diminui o risco de atentados...

E a gente deixa. A gente não se tem importado. Mas desta vez chove. Intensamente. Apressam-se dois funcionários, com guarda-chuvas da companhia. Sobem aos pulos pelas escadas da frente, distribuem as protecções pela meia dúzia

de importantes, lá vão eles pela placa, já ligando telemóveis, protegidos os seus sobretudos do mais ousado pingo. E o povo à espera, comprimido, rumo à porta de trás. Sem guarda-chuvas. O povo que pagou a sua passagem directamente, do seu salário, e que pagou a passagem dos importantes, indirectamente, com os seus impostos. Fica para o fim. Pela porta de trás. Sem guarda-chuva. Sem salário bem maior. Sem ajudas de custo. Sem hotel pago. Sem telemóvel oferecido. Sem chamadas liquidadas pelo serviço. Sem carro oficial à espera ou carro alugado também pago por quem espera que se abra a porta de trás.

Temos andado distraídos. Tão distraídos que nem metade vai às urnas e os que vão não se importam de sair pela porta de trás sem guarda-chuva. Mas agora que a coisa aperta a sério, por culpa dos que saem pela porta da frente, vamos andar todos muito mais atentos. Aos abusos. Aos gastos desnecessários. Aos privilégios injustificados. Às mordomias pagas com o nosso dinheiro.

A chuva quando cai é para todos. E talvez chegue o dia em que não reclamemos guarda-chuvas, mas baldes. Baldes para encher de água, para lhes despejarmos por cima no terminal seco. E irão com sorte, se for água...

antoniobulcao@sapo.pt